

## LE PARKOUR ESTA NA ÁREA

Nyna Taylor Gomes Escudero

EMEF. Amadeu Amaral

O presente relato narra a experiência pedagógica desenvolvida no interior das aulas de Educação Física da EMEF Dona Jenny Gomes com o oitavo ano A. O estudo aconteceu no segundo semestre do ano de 2015. A escola atende nos períodos da manhã e da tarde o ensino regular e no período noturno a educação de jovens e adultos. Esse atendimento se dá majoritariamente aos alunos que residem próximo à Unidade Escolar, isto se deve a política de distribuição dos alunos adotada, há alguns anos, pela Secretaria Municipal de Ensino do município de São Paulo em conjunto com a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo.

O projeto "Le Parkour está na área" nasceu do desejo dos alunos dos oitavos anos, inspirados pelo estudo do skate desenvolvido com os nonos anos, de estudar esta manifestação cultural. O nono ano A deu continuidade a tematização dos esportes radicais acompanhando os oitavos nesta empreitada.

Iniciei o estudo mapeando os saberes dos alunos acerca dessa prática cultural corporal, de seus praticantes e dos espaços de práticas. Os conhecimentos apresentados revelavam um desconhecimento por parte da maioria dos alunos, alguns afirmaram que a prática era muito nova e pouco divulgada. As falas foram: "são pessoas que pulam de viadutos; eu vi na televisão; não tem mulheres saltando, eu não vi; eu tenho medo de saltar muito alto". De fato uma prática que tenha seu início nos anos de 1980 pode ser considerada bem jovem, mas para começarmos a nos enfronhar nesse universo desconhecido trouxe um texto intitulado: "Alguém sabe o que é Parkour?", o texto trata de uma pesquisa feita em Salvador por praticantes de Parkour, cujo objetivo era saber o que as pessoas sabem sobre o Parkour, as respostas não foram diferentes das obtidas no mapeamento que iniciou este trabalho. De cinquenta pessoas entrevistadas, treze conheciam o Parkour sem, no entanto, relacioná-lo ao nome, quatro conheciam inclusive pelo nome, contudo apresentavam um conhecimento raso segundo a pesquisa.

A partir da leitura e discussão do texto e atentando as orientações, nele contidas, saímos pelo parque da escola a fim de mapear os espaços para iniciarmos as nossas

vivências, uma vez definidos passamos a transpor os obstáculos com vistas a construir um percurso, conforme registros acima.



Em razão da insegurança da maioria sugeri que o grupo pensasse num percurso construído com os materiais disponíveis na escola. Utilizamos plintos, bancos suecos e as arquibancadas para estimular a participação. Alguns, mais ousados, saltavam as muretas mais altas e os alambrados. Ao elaborar um percurso com os materiais disponíveis essa prática foi sendo ressignificada e hibridizada, assim o Parkour praticado passou a ser particular. É certo que os traceurs<sup>1</sup> também elaboram seus percursos, contudo utilizam os obstáculos naturais do contexto de prática, não constroem seus obstáculos.

Considerando a pouca familiaridade; a insegurança e certo preconceito advindo das meninas sobre a participação do público feminino nessa manifestação cultural, escolhi os seguintes objetivos para direcionar nosso estudo:

- ✓ ampliar e aprofundar os saberes dos alunos acerca dessa manifestação, por meio da investigação de todos os envolvidos;
- ✓ vivenciar esta prática na escola, promovendo a sua ressignificação pelos alunos;
- ✓ valorizar e reconhecer esta prática corporal e seus participantes como de produção cultural e produtores de cultura.

Para organizarmos e registrarmos nosso estudo, insisti no registro individual no caderno da turma. O procedimento é o seguinte: A cada aula um aluno leva o caderno

---

<sup>1</sup> Como são nomeados os praticantes de Parckour

para casa e relata como se deu o nosso encontro letivo. O objetivo é recuperar a aula anterior para seguirmos com o trabalho, este registro contribui para que a professora possa pensar no planejamento da aula seguinte, além de possibilitar a apropriação pelos alunos, do que está sendo feito e porque. No semestre passado esta prática não se consolidou, mas continuei apostando na sua concretização.

Com a intenção de ampliar os conhecimentos do grupo e trazer mais informações acerca dos cuidados que devemos ter ao praticar, propus a leitura do texto: " Le Parkour: onde praticar? " A dinâmica de leitura foi coletiva e compartilhada. As informações relevantes foram debatidas e registradas na lousa por um aluno.

Com o texto os alunos foram percebendo que não basta sair por aí saltando é preciso testar os obstáculos, conhecer o ambiente. Tijolos soltos, grades enferrujadas podem causar lesões e ferimentos, perceberam também que para ser um traceur é preciso ter responsabilidade para com o ambiente urbano. Denunciar à prefeitura brinquedos nos parques que estão precisando de reforma é também papel de quem quer se tornar um traceur. O texto também orienta que o tempo de preparação para a prática dura em média 45', 30' para alongamento e 15' para aquecimento. Aponta cinco elementos que formam a base da pirâmide para todas as manobras de parkour: preparo físico, amortecimento, equilíbrio, repetição e disciplina. Destaca também algumas manobras.

Evidencio que esta manifestação cultural é tão nova para mim, quanto para os alunos, aí reside o desafio de colocar em ação o currículo cultural. Nesse momento passamos a construir o nosso percurso de investigação. Nesse sentido essas orientações foram de grande valia.

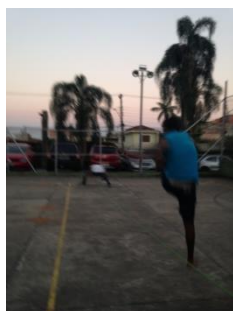
Antes de passarmos à vivência julguei ser necessário a leitura de dois vídeos, o tutorial de nome: "manobras básicas do parkour" e o "tutorial de parkour" do jovem Gabriel Meritan. Os dois referem-se às seguintes manobras: *Cat leap*, *tic tac*, *king kong*, *Landing*, rolamento, *lazy*, *precision jump*, *speed*, *underbar* e *wall clumb*. Após a leitura dos vídeos houve uma discussão acerca dos nomes das manobras estarem em inglês, o que nos obrigou a traduzir. No entanto, mesmo entendendo que era preciso compreender o significado de cada manobra provoquei os alunos perguntando: por que na língua inglesa? Este questionamento nos levou a pensar em quantas expressões nesta língua nos deparamos no nosso cotidiano. Como somos bombardeados com expressões que nem sempre compreendemos, mas que nos são impostas e em grande medida aceitas sem questionamento. Como somos submetidos aos propósitos imperial europeu e colocados

em posição inferior naturalizando esta submissão. Grande parte dos alunos afirmou nunca ter pensado sobre isso.

Destacar esse poder que nos representa como submissos é possível no estudo das práticas corporais. Contribuir com a formação de sujeitos críticos exige que percebamos os discursos que atravessam as práticas corporais para nos submeter, nos subjetivar. Encerrei a aula encaminhando um trabalho de pesquisa a ser realizado individualmente com os seguintes temas: 1- história do parkour; 2- espaços de prática; 3- parkour feminino. Do número um ao dez pesquisariam o tema 1, do onze ao vinte e um o tema 2 e os demais o tema 3.

Na aula seguinte, assim como no estudo do skate com os nonos anos também contei com alunos experientes nesta prática que ajudaram nos momentos de vivência.

A princípio a transposição dos obstáculos foi realizada da maneira como cada um conseguia, o objetivo era se familiarizar com essa manifestação. Então montamos percursos de diferentes formas.



Como atividade de aprofundamento propus a leitura coletiva e compartilhada da reportagem: "O 'parkour', esporte francês que usa objetos da cidade como obstáculos, conquista adeptos no Brasil" de Flávia Mantovani. Embora de setembro de 2005 o texto refere-se a uma prática bem próxima, no reservatório Sumaré da Sabesp, além de trazer a história do parkour e a filosofia dos traceurs já mencionada no estudo do texto Le parkour, onde praticar? Estes foram os destaques dos alunos sobre o texto, o que me levou a inferir que eles estavam centrados nos acontecimentos das aulas me dando certa segurança para continuar nesse tom.

Nosso desafio agora centrou-se na execução das manobras. Com a ajuda dos colegas e o retorno ao tutorial das manobras foi possível entender e vivenciá-las. Entre as vivências fomos intercalando a leitura dos vídeos: "Parkour feminino 2014" e "8°

encontro paulista de parkour". No primeiro, a prática era embalada por um rap que falava do poder e da determinação das mulheres de Karol de Souza, o que mais chamou atenção dos alunos foi o diálogo entre a composição das imagens e a letra. O vídeo incitou o debate sobre os processos de interdição das mulheres, presentes nos discursos que as subjetivam como seres frágeis, limitados para algumas práticas. Os alunos identificaram algumas manobras já estudadas sendo realizadas pelas meninas e fizeram alusão a maneira das garotas se vestirem: calças largas, tênis, destacaram a força e a agilidade com que realizavam a transposição dos obstáculos. Contradizendo a idéia de fragilidade associada às mulheres.

As falas dos alunos me levaram a pensar que em algum momento nos deslocamos da visão unidimensional que caracteriza o pensamento hegemônico sobre as práticas corporais, sobre o que é ser homem e o que é ser mulher para habitar o universo das diferentes possibilidades. Isso se confirma com a adesão de algumas meninas às vivências, empoderá-las foi também a minha intenção.

O outro vídeo mostrou o oitavo encontro paulista de parkour ocorrido em 2014, nele identificaram manobras de precisão, *cat leap*, *turn e speed*. Eles ficavam satisfeitos quando conseguiam identificar as manobras: "Professora tiveram mais manobras de precisão"; "Olha Professora essa é unberbar, nós não fizemos" "também não temos barras" disse o Fabrício, "o Juan fez lá em cima na quadra" a Rafaela afirmou. Chamou a atenção de todos o final do vídeo, nesse momento os traceurs tentam ficar juntos numa base pequena e abraçados com a seguinte mensagem: Parkour unindo pessoas. O Antoni perguntou: Isso aí que é um Clan?

Penso que as perguntas e as inferências dos alunos nos diferentes momentos confirmam a minha decisão de seguir adiante. Passamos à socialização das pesquisas. Para essa atividade utilizamos três aulas. Entendi que havia dado o suporte necessário para que pudessem dar cabo dessa tarefa, contudo observei que este tipo de atividade ainda requer algumas habilidades que nas aulas de Educação Física não damos conta de trabalhar.

A fim de fazer uma síntese acerca de todos os conceitos abordados até aqui e complementando a pesquisa sobre a história, propus a leitura do texto: " Le Parkour: Esporte chega desafiando a gravidade. Akira, introdutor do Le Parkour no Brasil, esteve em Bauru ensinando a prática esportiva de saltar obstáculos".

O encerramento do projeto se deu com uma atividade que me proporcionou a visão do que cada aluno tinha de fato se apropriado no que diz respeito a apreciação. Conte

com a ajuda de três alunos do 9º A, a atividade consistiu no seguinte: Elaborei três sequências, a saber: 1- *lazy, speed, turn, tic tac, landing e cat leap*; 2- *Reverse, tic tac, landing, cat leap, speed* e rolamento e 3- *speed, tic tac, landing, cat leap, tic tac* e precisão. Cada aluno colaborador ficou de executar uma sequência. Os alunos apreciadores deveriam anotar a sequência feita pelo colega. Cada sequência era repetida três vezes. Dessa forma foi possível ter uma noção da apropriação pelos alunos dos conhecimentos que fizemos circular ao longo do projeto.

### Considerações

No meu ponto de vista as situações didáticas desestabilizaram as representações das meninas sobre a participação das mulheres nessa manifestação cultural, essa afirmação se deve ao número de meninas que passaram a participar e se desafiar em cada manobra. Os alunos que pouco se arriscaram envolveram-se de alguma maneira no estudo, nas diferentes demandas que promovi no decorrer das aulas. Ao longo do projeto procurei sublinhar as idéias de diálogo e polifonia, não apenas no que diz respeito às vozes em seu sentido literal, mas nas situações didáticas propostas. Embora a prática do registro das aulas pelos alunos não tenha se consolidado eu pude perceber pelas minhas observações escritas que as atividades permitiram aos alunos saber o que sabem sobre essa manifestação cultural.

Ao interagir dialogicamente exercitamos a capacidade de assumir e interpretar a perspectiva do outro. Este exercício esteve muito presente em nossas aulas. Tratar o Skate e o Parkour, neste ano letivo, como objeto de estudo nas aulas de Educação Física trouxe vozes antes silenciadas, deu oportunidade para alguns alunos se manifestarem, não apenas nas aulas do componente. A área ocupada por essa prática alargou-se e o olhar de todas as pessoas que trabalham na escola para aqueles(as) meninos(as) saltadores(as) é de respeito e admiração, conforme depoimentos de funcionários que tratam diretamente com os alunos. Traçamos o nosso percurso, esta foi a nossa obra de arte. Esperamos poder inspirar os leitores Professores a artistarem seus currículos. "Le parkour está na área".

### Referências:

NEIRA, M. G.; LIMA, M. E. e NUNES, M. L. F. (Orgs). **Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática**. São Paulo: Feusp, 2012.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

### **Fontes para o desenvolvimento do trabalho**

Alguém sabe o que é parkour? Disponível em:

<http://parkoursalvador.com.br/2011/01/13/alguem-sabe-o-que-e-parkour/> Acesso em: 11/09/2015

Le Parkour: Esporte chega desafiando a gravidade Akira, introdutor do Le Parkour no Brasil, esteve em Bauru ensinando a prática esportiva de saltar obstáculos. PELOSI. G. Disponível em: [www.leparkourbrasil.blogspot.com.br](http://www.leparkourbrasil.blogspot.com.br) Akira. Acesso em 11/09/2015

Le Parkour: onde praticar? Disponível em: [www.belezamasculina.com.br/le-parkour-onde-e-como-praticar/](http://www.belezamasculina.com.br/le-parkour-onde-e-como-praticar/) Acesso em: 11/09/2015

O "parkour", esporte francês que usa objetos da cidade como obstáculos, conquista adeptos no Brasil. MANTOVANI. F. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0809200505.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0809200505.htm). Acesso em 11/09/2015